

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porto
Anno ou 24 numeros	28000	Trimestre ou 6 numeros 8050
Semestre ou 12 numeros	16300	N.º avulso ou pago á entrega 8120
	ESTRANGEIRO	
Anno ou 24 numeros	38000	Semestre ou 12 numeros 18500

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 10

15 DE MAIO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.



JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES (Segundo uma photographia)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — José Estevão Coelho de Magalhães, por FERITAS E OLIVEIRA — As nossas gravuras — A princeza D. Maria Francisca Benedicta, filha de D. José I, por FRANCISCO BESEVIDES — A escola, por CANDIDO DE FIGUEIREDO — A exposição universal de Paris — Gabriel, por CHRISTOVAM AYRES.

GRAVURAS. — José Estevão Coelho de Magalhães — Inauguração da estatua de José Estevão no largo de S. Bento — A princeza D. Maria Francisca Benedicta — A viagem á lua, opereta phantastica — Custodia do real asylo dos invalidos em Runa — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Nove decimos dos mais sensatos folhetins, e das mais dignas chronicas que annualmente se escrevem no nosso paiz, baseiam-se simplesmente sobre este velho thema nacional — a falta d'assumpto; d'onde eu chego a concluir que, se os assumptos não escasseassem haveria em Portugal muito menos gente que escrevesse!

Ainda hoje eu teria mais uma vez de bordar a minha chronica sobre este motivo estafado, se a providencia e Marrocos me não soccorressem generosamente n'este trance com uma embaixada. Assim, é sobre s. ex.^a o bachá Sid Taieb Benhima que me proponho a percorrer o caminho que medeia entre a primeira linha e o final d'esta chronica, certo de que tão digno bachá será benevolo até ao ponto de conservar uma justa distancia entre o gumé da sua valente cimitarra e o meu pescoço miserando e sensível — fazendo ao mesmo tempo todo o possivel para me não atirar ao chão.

Mas a cidade, no fim de contas, tem tanto motivo para se regosijar como eu. Que novidade, que facto imprevisito, que inesperada sensação experimentaria ella nos ultimos quinze dias decorridos, se Sua Magestade Xerafiana se não dignasse mandar a Portugal os mais garbosos dos seus embaixadores, e os mais civilizados dos seus cavallos?

Marrocos, diga-se a verdade, quando pela bocca do illustre Benhima diz a El-Rei, na sua allocução, que Sua Magestade « resume em si a soberania nacional, » ou mostra que tem um profundo desprezo pela Carta, ou então que está filiado no partido progressista; todavia por outro lado, satisfaz o nosso justo orgulho de portuguezes, quando afirma que todo o desejo do Imperador Xerafiano é estreitar a sua alliança com a nossa poderosa nação!

Oh! sim, excelso Imperador, a ambição dos portuguezes tambem não é outra! escusaes até, poderoso senhor, de pretender captivar o nosso animo já vencido, quer com cavallos quer com chinelas bordadas, porque o coração portuguez, verdadeiramente, já ha muito tempo que está com Marrocos! Sim, Xerafiano amigo, é para a Barbara que nos arrastam os impulsos do nosso animo, portanto vós que possuis um thesouro satisfatoriamente arruinado, poupaes-vos a excessos de generosidade, não nos obrigando tambem por outro lado a despendere vinte e tantas libras por dia, com o agasalho dos vossos mouros no hotel!

Todas as provas de carinho, vos agradecemos, caro Xerafiano, aproveitando a occasião para vos observar que as chinelas bordadas a ouro enviadas a Sua Magestade a Rainha, são talvez demasiadamente grandes. Attendei, ó bom Xerafiano, que uma senhora europea elegante e flexível, costuma ordinariamente ter o pé um pouco mais pequeno que os vossos embaixadores, e que pés tão grandes como os do bachá Sid Taieb Benhima, só ha em Portugal os pés de vento — ou os d'alguns conselheiros.

Depois d'esta exortação que eu tomei a liberdade de fazer a Marrocos, firme na persuasão de que Marrocos não me comprehende, só me resta considerar um momento na admiração que deve ter causado no espirito marroquino o feitio d'algumas instituições nacionaes, desde as segas d'enterro até á guarda real dos archeiros!

E todavia parece que foram exactamente os archeiros quem achou mais excêntrica a embaixada, custando-lhe immenso a conter as albardas e o riso nos justos limites em que uma instituição de tal ordem as deve conservar!

Não tem rasão para rir a guarda real, ou antes a guarda... roupa dos archeiros. Innegavelmente, quando se trata de cousas comicas a embaixada marroquina nem na *Viagem á lua*, na Trindade, podia vêr cousa melhor no seu genero.

Como phantasia de Carlos Cohen os archeiros portuguezes são artefactos que honram sobremaneira a thesoura nacional.

Em fim, os marroquinos vão partir depois d'haverem pisado pela vez primeira com a sua ampla e interminavel chinelas de mouro, o fresco torrão da madre-silva. Portugal deu-lhe a sua admiração acompanhada dos melhores quartos no mais vistoso hotel, deu-lhe uma parada, deu-lhe alguns encontrões, não vacilando mesmo ante o sacrilegio de lhe dar a cruz de Christo. Recebeu, é verdade, em compensação dez cavallos, mas o que são dez cavallos, quando amanhã se trate de os dividir por todos nós?

Pelo que me diz respeito lavro aqui protesto solemne, como portuguez e contribuinte, de que desisto de qualquer porção de cavallo que por ventura me venha a competir na partilha. Foi desinteressadamente que dei o meu obolo para a embaixada ser recebida com o esplendor devido, e dou-me por quite em o sr. Benhima me não ter degolado ou feito comer os manjares fabricados pelo seu cosinheiro — e addido.

E feitas as contas bem, sou eu que devo alguma cousa a Marrocos.

Ha dias que o poderoso imperio (troquemos a amabilidade), está sendo para mim d'uma generosidade ordinariamente pouco usada entre mouros e christãos.

O imperador do Mogreb enviou uma embaixada ao rei de Portugal e um assumpto aos chronistas portuguezes. Da lembrança de sua magestade me tenho aproveitado o mais que posso, sendo provavel que outros se tenham aproveitado dos seus mouros o mais que tenham podido.

Em todo o caso desde este momento deixo-os em paz, e intactos; sobretudo intactos. Póde o ministerio dos negocios estrangeiros mandal-os pesar, que, pelo que me diz respeito, nada receio da eloqúencia da balança.

— Puxando mais pela embaixada marroquina, era possivel alongal-a até preencher completamente a chronica, desisto entretanto d'esse proposito, embora os assumptos d'ordem mais civilisada não abundem em Lisboa n'este momento.

As chronicas, os noticiarios, as correspondencias, todos n'este momento, entoam unisonos o hymno da exposição de Paris! Quando a gente escuta este clangor de victoria, sente-se vexado, e tem vontade de subtrair os seus marroquinos ao olhar luminoso da musa da civilisação!

Entretanto, não é só um sultão que nos envia uma phrase amavel de presente, Mac-Mahon, passando em frente da fachada portugueza que representa o portico dos Jeronymos, detem-se um momento, observando aos commissarios portuguezes: *coquette*.

Os correspondentes apressam-se immediatamente a enviar a phrase aos jornaes do seu paiz, que saem logo para a rua zabumbeando-a com patriótico entusiasmo — *coquette, coquette!*

E fez-se essa variante do gothico florido, esse primor architectonico dos Jeronymos, para o sr. marechal Mac-Mahon no anno de 1878 passar por diante d'elle, e dirigir-lhe o galanteio com que naturalmente nos seus tempos de cadete lisongeava as *grisettes* e as *blanchisuses*. Pois muito bem; já que não é possivel *submitter* a phrase, que immediatamente se *demita* semelhante affronta da fachada do monumento manuelino, empregando-se uma picareta, e, se preciso fôr, — Gambetta.

GUILHERME D'AZEVEDO.

JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES

Eil-o! é elle! são as suas feições! — É exactamente aquella, a formosa cabeça do orador portento, admiravelmente reproduzida pelo lapis de Manuel de Macedo!

Ah! que se eu soubesse e pudesse descrever-vos o que elle foi e o que fez; como fascinava os que o tratavam e como maravilhava os que o ouviam! Se eu pudesse desenhar-vos o caracter moral, as feições do seu espirito e do seu genio, com a mesma perfeição com que o insigne artista desenhou o seu retrato, então bemdirieis vós, leitores, da lembrança, que teve a benemerita direcção d'este illustrado periodico, de me honrar tão distintamente, incumbindo-me de escrever o artigo que deve acompanhar a excellente gravura, que hoje aqui se dá á estampa!

Infelizmente porém o panegyrista não corresponde ao desenhador, e bem longe está de honrar devidamente o assumpto.

Todavia, inspirando-me do amor que consagrei ao grande tribuno, do respeito que tributo á sua honrada memoria e das saudosas recordações que d'elle tenho, sempre vivas, no coração, farei quanto eu possa para mostrar á illustre direcção do OCCIDENTE a boa vontade com que me desempenho da difficil missão de que se dignou encarregar-me.

Dizer-vos que José Estevão Coelho de Magalhães nasceu na cidade d'Aveiro, no dia 26 de dezembro de 1809 e que, ainda preso aos peitos da ama, teve de deixar a terra natal para fugir aos perigos da invasão franceza; — contar-vos que os primeiros annos da sua infancia foram dirigidos por sua avó materna, D. Anna Joaquina Ribeiro da Costa, mulher de superior engenho e de caracter varonil como o de Cornelia; — relatar-vos como a sua educação, até entrar na faculdade de direito da Universidade de Coimbra, foi feita quasi exclusivamente por seu pae, Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, medico distincto, coração de ouro e alma d'anjo; — historiar-vos todas as peripecias da sua vida de soldado, desde que, depois da acção da Cruz dos Moroços, partiu para o Porto e d'alli emigrou para a Galliza com os restos do exercito liberal, commandados por Pizarro; — pintar-vos as amarguras que passou no exilio de Plymouth, o enthusiasmo com que desembarcou na ilha Terceira, o valor e a bravura com que se bateu com os soldados do despotismo na Ladeira da Velha, na Flecha dos Mortos, na Serra do Pilar e em todos os combates da liberdade, até Almoester; — mostrar-vos a justiça com que foi agraciado com o grau d'official da Torre e Espada, unica condecoração que possuia. — tudo isso, leitores, foi já dito differentes vezes, em diversos logares, por differentes pessoas, e não é meu intento repetil-o.

Tambem me não occuparei a contar-vos como foi eleito pela primeira vez deputado, em 1837, nem como fez a sua profissão de fé politica, quando pronunciou o seu primeiro discurso na sessão de 5 de abril do mesmo anno na assembléa nacional. Callarei igualmente o motivo porque se alistou no partido *Setembrista*, que foi o partido da honra, da lealdade, da liberdade e do progresso, e não direi a razão porque se rebelou em 1844 contra o governo pessoal, assim como não

exaltarei o modo brilhante como alcançou, em concurso publico, a cadeira de professor de economia politica na Escola Polytechnica, disputando-a a outro candidato de notavel talento e illustração. Não vos informarei sequer de como elle foi perseguido pelo partido chamado da *Ordem* e da Carta, nem vos direi porque tornou a emigrar em 1843, nem porque razão se rebellou, mais uma vez, contra aquelle partido, depois do golpe d'estado de 6 d'outubro de 1846, apresentando-se ao serviço da Junta do Porto, seguindo aquelle movimento e representando n'elle importante papel, até á convenção de Gramido.

Todos estes factos estão já miudamente relatados e, quando o não estivessem, eu não poderia agora occupar-me d'elles, porque as considerações politicas a que forçosamente seria levado, tratando de tal assumpto, eram inopportunas e mal cabidas n'este logar e n'esta occasião.

Dizer-vos o que foi José Estevão na camara dos deputados, no grande theatro das suas glorias e dos seus brilhantes triumphos, é, n'este momento, o meu unico desejo, porque se elle, o inspirado orador, vos não for retratado por quem o viu na tribuna, e o ouviu desprender a maravilhosa voz aos vãos da mais elevada eloquencia; — se aquelles, cujos corações palpitavam de enthusiasmo quando assistiam ás monumentaes orações em que elle, de pé no amphitheatro, em toda a magestade da sua viril presença, — com a formosa cabeça levantada e como que alumada por um resplendor de luz, como os que circundam as cabeças dos apóstolos, nas télas dos grandes pintores, — soltava a voz, suave e harmoniosa — se descrevia o amor da mãe ou da esposa, os encantos da mulher e as alegrias da criança, — grave e sonora — se exaltava o amor da patria e da liberdade, — estrondosa e terrível — se apostrophava os despotas, verberava a corrupção e amaldiçoava a tyrannia; — se os que o viram e sentiram os maravilhosos effeitos de tão prodigiosa eloquencia, vos não disserem o que foi aquelle genio sublime, não será pelos seus discursos impressos, nem pelos escriptos da me, não será pelos seus discursos impressos, nem pelos escriptos da politica partidaria, que se publicavam no seu tempo, que a posteridade poderá conhecer as elevadas qualidades de tão extraordinario tribuno.

No tempo de José Estevão havia n'este paiz vida politica, e toda a gente que pensava se interessava mais ou menos na coisa publica. Aos debates parlamentares, em que tomavam parte as primeiras notabilidades dos partidos, assistiam sempre os homens mais qualificados na sciencia, no jornalismo e nas artes, e o povo que enchia as galerias conhecia todos os oradores pelos seus nomes, e sabia qual era a sua fé politica e gostava de assistir áquellas luctas da palavra, em que sempre se debatiam os seus mais caros interesses.

Agora tudo mudou: não ha oradores que fascinem e deslumbram, porque tambem não ha publico que se deixe fascinar e deslumbrar. Os que fallam, embora lhes não faltem os talentos, fallece-lhes a auctoridade e as convicções, como aos que ouvem lhes faltam as crenças.

José Estevão dominava, fascinava e fulminava as assembléas, não sómente pelo brilho da sua eloquencia, mas tambem pela auctoridade da sua palavra, pela lealdade do seu coração, pela sinceridade das suas crenças e pela firmeza das suas convicções.

Todos os que o ouviam estavam presos e suspensos dos seus labios, e até os tachygraphos se surprehendiam a si proprios, escutando o grande orador e esquecendo-se das notas; e por isso os poucos discursos que ha publicados, não estão sómente despídos do magico effeito da sua voz e da vida e paixão que animavam a sua palavra, mas acham-se muitas vezes alterados na phrase e no pensamento. Elle nunca os revia, e era raro que restituísse as notas para que fossem impressas.

Disse-vos que José Estevão dominava as assembléas, fascinava os que o ouviam e fulminava os adversarios, e tudo isso vos provarei com factos, presenciados por muitos que ainda vivem, mas de que não rezam os *Diarios da Camara*, nem veem mencionados nos boletins parlamentares dos jornaes d'aquelle tempo.

Discutia-se uma questão politica. Um deputado realista, orador distincto, abalizado juriconsulto e homem de grande auctoridade pelo seu talento e saber, pronunciou um discurso contra o partido liberal e, sobretudo, contra José Estevão. Este que, em geral, era interruptor, ouviu em profundo silencio e perfeita quietação todo o discurso do deputado realista. Quando lhe coube a palavra, começou a fazer a synopse dos argumentos apresentados por aquelle deputado, e, ou porque relatesse menos exactamente, ou porque alterasse alguma phrase, foi interrompido por aquelle cavalheiro, que se levantou, e dirigindo-se a José Estevão, disse-lhe:

— O illustre deputado dá licença?...

José Estevão, voltando-se repentinamente para o interlocutor, levantando o braço esquerdo e apontando-lhe com o indicador para a cadeira, bradou com voz vibrante:

— Não dou licença para nada, sente-se e cale-se.

A assembléa estremeceu como se um raio atravessasse o espaço, e os espectadores das galerias apertaram convulsamente os braços uns dos outros, e uma sensação de frio increpou os nervos de todos os ouvintes, e o sr. Pinto Coelho (porque era a este eminente juriconsulto a quem José Estevão se dirigia) sentou-se silenciosamente na sua cadeira!

Depois de alguns segundos, durante os quaes o immortal tribuno se conservou voltado na mesma posição para o seu adversario, acrescentou em voz pausada e no meio do profundo silencio de toda a assembléa: «Sente-se e calle-se em nome do partido liberal que eu aqui represento. O illustre deputado é que não pode ser o representante do partido realista, d'esse heroico partido, que eu conheci no combate, e que depois de vencido, quando se viu aggreddido na pessoa de um seu correligionario, me escolheu a mim, entre todos os seus adversarios, para defender a liberdade da palavra e do pensamento escripto.»

Continuou depois referindo-se ao facto de haver sido elle o escolhido pelo partido realista, para defender nos tribunaes um jornal d'aquelle partido, que fôra denunciado por abuso de liberdade d'imprensa; e pugnando com a mais elevada e brilhante eloquencia pelos sagrados principios liberaes, exaltou a tolerancia politica, terminando o seu discurso no meio dos mais entusiasticos applausos de toda a camara, sendo o sr. Pinto Coelho o primeiro deputado que correu a abraçá-lo.

Mas elle não só dominava; fascinava tambem.

Discutia-se a questão *Charles et George*. José Estevão estava pronunciando aquelle famoso discurso, dos poucos que ha mais correctamente impressos, e que tão brilhantemente foi commentado e elogiado pelo grandissimo talento de Rebello da Silva, tambem tão cedo roubado á patria e á admiração dos seus contemporaneos!

A assembléa estava commovida pelos mais bellos sentimentos que podem fazer pulsar o coração do homem, e interrompia frequentemente o orador com applausos e bravos. De frente d'elle, encostado ao fogão, estava o sr. Alves Martins, hoje illustre prelado da Sé de Vizeu.

José Estevão e o sr. Alves Martins, não se fallavam. Homens de paixões fortes e de caracter rijo, não sabiam mascarar, na ardencia do combate, a offensa com o innocente epitheto de *allusão politica*, e por isso romperam entre si as suas relações particulares, e não se poupavam sempre que se encontravam nas luctas da imprensa e do parlamento.

N'estas disposições se achavam pois, quando José Estevão estava pronunciando o memoravel discurso sobre a questão *Charles et George*.

O sr. Alves Martins, que nunca peccou por enternecimentos e branduras, estava, como vos disse, de frente de José Estevão durante todo o tempo que durou o discurso. As lagrimas corriam-lhe pelas faces, os labios tremiam-lhe convulsamente, os olhos não se despregavam do inspirado tribuno, e quando este terminou, no meio da ovação mais imponente, que se tem visto no parlamento, o sr. Alves Martins correu primeiro do que ninguem, e levantou José Estevão no ar, apertando-o em seus robustos braços.

No dia seguinte o sr. Alves Martins e José Estevão continuavam a ficar mal um com o outro, e nunca mais se fallaram.

Não era mais extraordinario o immortal orador quando dominava as assembléas e quando fascinava os ouvintes, do que quando fulminava os adversarios.

Em uma sessão das primeiras côrtes que houve depois do movimento de 1831, era deputado por Odemira um homem que se tornára muito singularmente notavel, na grande lucta que houve entre o partido *setembrista* e *cartista*. Dotado de largas faculdades intellectuaes, de caracter violento, e de uma voz portentosa, alcançara aquelle deputado grande reputação de orador. Esse homem esteve por bastante tempo apartado do parlamento, por lhe ser adversa a opinião dos collegios eleitoraes; mas nas primeiras côrtes da *regeneração* poude fazer-se eleger por Odemira.

No primeiro dia que subiu á tribuna começou, exclamando:

— «*Me adsum!* Eis-me aqui depois de um longo ostracismo para «justificar os meus actos e confundir os meus adversarios.» — E sobre este thêma fez um longo discurso, que, se não commoveu a assembléa, fez estremecer as abobadas do edificio de S. Bento com as vibrações da sua potente voz.

José Estevão, que havia pedido a palavra logo no principio do discurso do deputado por Odemira, assim que este acabou, levanta-se, e abrindo a oração com as mesmas palavras *Me adsum* do seu adversario, começa, em estylo picaresco a fazer a critica do discurso d'elle. Mas, de repente, transforma-se-lhe a physionomia, e voltando-se para o deputado que acabava de fallar, exclama:

— «*Me adsum!* Ah! estaes! — Para que? Porque? Mirando onde? — Olhando para traz? — Não! que para traz está o teu passado que te condemna. — Olhando para os lados? — Tambem não, que para os lados está a humanidade que te detesta. — Olhando para cima? — Oh! não, mil vezes não, que em cima está Deus, que te amaldiçoa. — Então olhando para onde? — Para a frente, na attitude do arre-mêso, como a fera que espera a presa para a estrangular!»

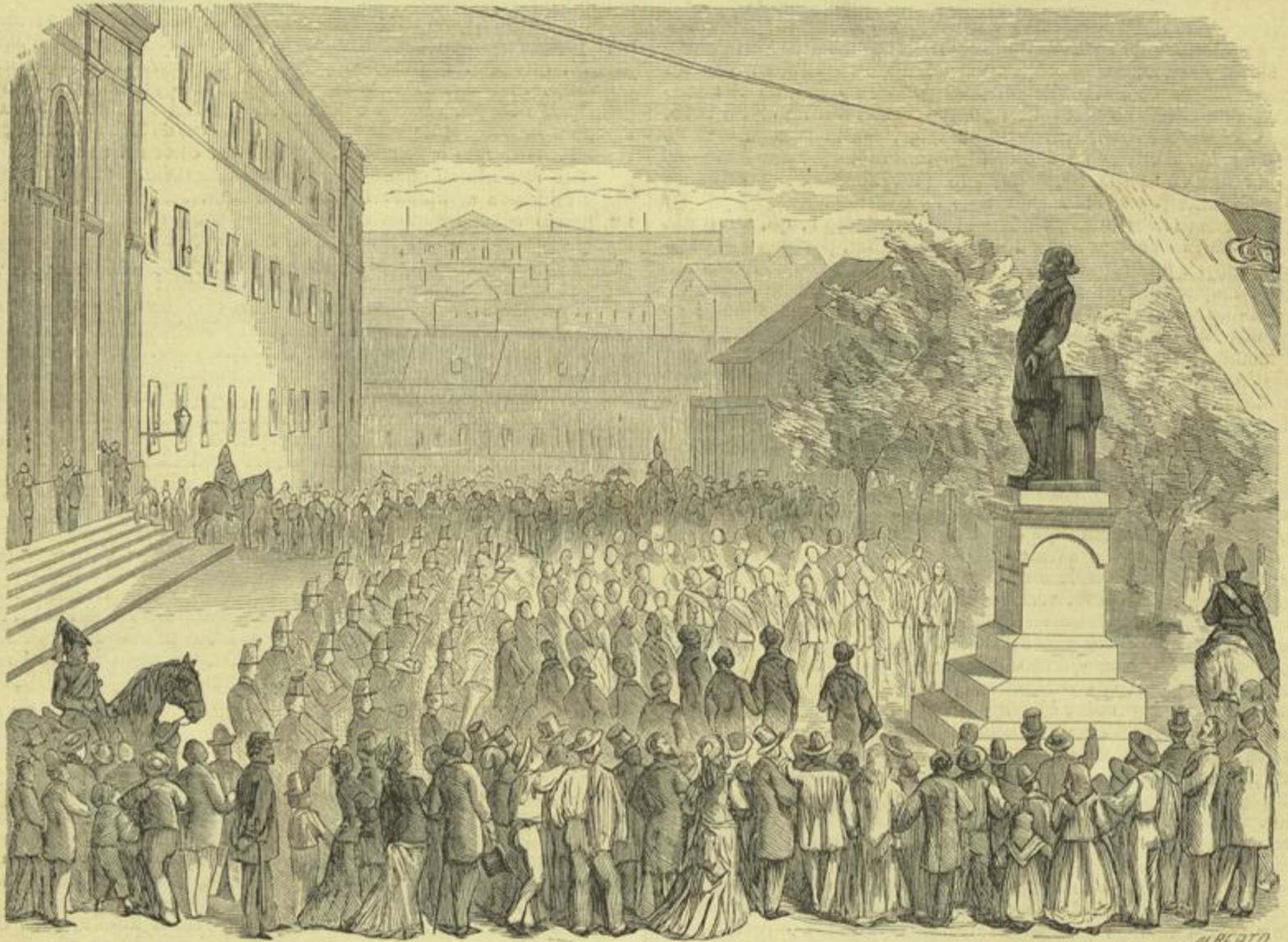
Pronunciando estas palavras, as feições de José Estevão descompozera-se, os olhos faiscavam de colera, e salvando de um salto tres degraus do amphitheatro, como Salvini no *Othello*, ou como um grande actor nas mais violentas scenas da tragedia, arrancou ao auditorio uma estrepitosa ovação e deixou fulminado o seu adversario.

O deputado por Odemira nunca mais tornou a fallar na camara dos deputados.

Não eram só porém os extraordinarios dotes da sua intelligencia que se admiravam no grande orador; os generosos sentimentos do seu leal coração, correspondiam aos dotes sublimes da sua alma.

Discutia-se não me lembro que questão da qual costumam preceder a *ordem do dia*, e varios oradores tinham exhibido muitos livros e citado muitos auctores para corroborarem as suas respectivas opiniões. — José Estevão toma a palavra, e, com aquella graça e desfastio com que entretinha todas as palestras, começa por dizer aos seus collegas, que lhe não parecia necessario deitar a prateleira abaixo e revolver os *bacarmartes*...

Assim que José Estevão pronunciou esta phrase, um deputado pede com furia a palavra, e logo que elle terminou as suas breves considerações, o deputado levanta-se espumante de raiva, e diz, durante vinte minutos, a José Estevão as injurias mais graves e as offensas mais desbargadas, que até então se tinham ouvido em uma assembléa publica. Tudo isto porque tomára como *allusão offensiva* para a memoria de seu pae, a palavra *bacarmarte*, que José Estevão havia pronunciado.



INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A JOSÉ ESTEVÃO, NO LARGO DE S. BENTO EM LISBOA, NO DIA 4 DO CORRENTE

(Esboço feito na occasião pelo sr. Antonio Rodrigues da Silva)

José Estevão, ás primeiras injurias d'aquelle deputado, pede com vehemencia a palavra, mas quando o presidente lh'a concedeu, desistiu d'ella, o que assombrou todos os espectadores, e ouviu-se uma voz perguntar a José Estevão: — Então vossê não responde?

— Eu, sim, exclamou o illustre tribuno. Aquillo é um santo homem que está desnortado, não sei pelo que; mas o de que eu me não posso jámais esquecer é de que elle, quando eu estive á morte com o typho, foi a minha casa buscar o Matheus e declarou que o perfilhava.

Matheus era um filho de José Estevão, que elle estremeceia, desditoso mancebo, que pouco depois da morte de seu pae, deixou este paiz e foi para o Brazil procurar fortuna, e cujo destino é hoje ignorado pelos seus parentes e amigos.

Muitos e muitos são os casos que eu presenciei, e que podia relatar-vos, para vos dar idéa das grandissimas facultades do afamado orador, as quaes, infelizmente, se não podem bem revelar nos seus poucos discursos, que existem incorrectamente impressos; mas não desejo abusar da vossa paciencia, nem do espaço que póde dispensar-me n'esta folha a sua illustrada redacção.

Hoje, de José Estevão,



A PRINCEZA D. MARIA FRANCISCA BENEDICTA

(Segundo um retrato da epoca)

resta a saudade nos corações de todos que o conheceram e que o amaram. Dos seus feitos, da influencia, que pelo seu talento e pela auctoridade da sua palavra teve na vida politica do paiz, existe uma apagada lembrança no modesto livro que dediquei á sua memoria, e que foi escripto com as lagrimas ainda quentes do profundo pesar que tive pela sua prematura morte.

O povo, de que elle foi filho dilecto, tem n'esse acanhado monumento, que tão mesquinhamente lhe levantaram, ha poucos dias, no largo das Côrtes, não uma memoria digna do DEUS DA PALAVRA, mas um symbolo, um altar, onde a democracia, nos seus dias de luto, e nos dias de amargura para a patria, póde ir ali retemperar-se no amor da liberdade, na consciencia do dever, na independencia do caracter e na altivez do animo, que estas foram as principaes virtudes civicas que sobrelevavam os talentos e a assombrosa eloquencia do immortal tribuno.

E quando chegar o grande dia, em que o sol da liberdade resplandeça em toda a luz sobre as montanhas da patria; quando desaparecerem de facto todos os privilegios de castas e de raças; — quando o rei fôr a lei, — a justiça — a razão e o di-

THEATRO DA TRINDADE DE LISBOA



A VIAGEM À LUA, OPERETA PHANTASTICA — Tradução de Eduardo Garrido — Musica de Offenbach (Desenho de M. de Macedo)

reito — a religião — o dever e a moral; — os nossos filhos, para quem José Estevão e os seus discípulos prepararam a victoria, irão substituir o mesquinho monumento que nós lhe legamos por uma estatua colossal, que mostre fielmente ás novas gerações a magestosa figura do inspirado propheta d'essa santa e grandiosa revolução.

J. A. DE FREITAS OLIVEIRA.

AS NOSSAS GRAVURAS

INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE JOSÉ ESTEVÃO

No dia 4 de maio inaugurou-se em frente do edificio das côrtes, em Lisboa, a estatua que o reconhecimento nacional consagrou á memoria de José Estevão Coelho de Magalhães, o mais eloquente e mais inspirado orador que a epoca parlamentar tem porventura produzido em Portugal.

Ao orador e ao homem consagramos artigo especial acompanhando o seu retrato. Do monumento, cuja cerimonia d'inauguração representa a nossa gravura, temos a dizer que é devido ao distincto escultor portuguez Victor Bastos, honrando sobremaneira o artista que o concebeu e que o executou.

A estatua assenta n'um singelo pedestal de cerca de tres metros d'altura. O orador está de pé, n'aquella attitude nobre e magestosa com que sabia impôr-se aos auditorios. As linhas são elegantes e correctas, e embora haja talvez pouca felicidade na escolha do gesto, ha todavia muita fidelidade nos traços geraes da physionomia.

O acto da inauguração foi em demasia singelo, aproveitando-se o dia do encerramento das côrtes, afim de poupar talvez aos representantes da nação e aos oradores que succederam a José Estevão, o trabalho de se dirigirem expressamente áquella local. Foi o sr. duque d'Avila, presidente da camara alta, quem descerrou o cortinado que encobria a estatua do grande orador, em frente da qual todas as pessoas presentes — alguns pares do reino, deputados e não muitas centenas de curiosos — se descobriram respeitosa e modestamente.

Uma banda de musica executou o hymno da Carta, e assim ficou assente no seu pedestal, como já o estava nos fastos parlamentares do paiz, o vulto do cidadão preeminente a quem a musa da nossa eloquencia politica prestou muitas das suas apostrophes mais energicas e muitos dos seus rasgos mais felizes.

O pedestal tem gravada na face que olha para o edificio das côrtes a seguinte inscripção:

A JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES
A NAÇÃO PORTUGUEZA

Os povos honram-se sempre que sabem prestar uma homenagem merecida como esta.

A VIAGEM Á LUA

Sobre a hypothese divertida de Julio Verne — um canhão de vinte leguas de comprimento, arremessando á lua tres habitantes da terra, architectou certo libretista uma peça em tres actos, sobre a qual Offenbach escreveu uma musica que não é de certo a melhor inspiração das suas horas felizes.

O principe Jasmim, filho do rei Zig-zag, nutre um amor desmedido pelas viagens, e no fervor d'esta paixão obriga o sabio-mór dos seus reinos, Microscopio, a fabricar o canhão monstro. Chegados á lua, acontecem aos tres cousas extraordinarias, como é de prever. Na lua os ministros da fazenda são despedidos do serviço por metterem nos cofres publicos dinheiro a mais, reincidindo continuamente n'estes delictos. Os medicos estão presos para não matarem gente, ha simplesmente um advogado encarregado d'accusar e de defender os reus ao mesmo tempo, com um nobre desinteresse, e, enfim, o amor é lá um sentimento desconhecido. É o principe Jasmim que se encarrega de ministrar á princeza Diamantina, filha do rei Globo VI, algumas lições instructivas. O rei Zig-zag faz-se depois charlatão de feira para vender ao povo o fructo d'amor que apregoa como possuindo todas as virtudes, sendo a ultima poder ao mesmo tempo marcar as horas e a roupa branca. N'este trance são todos lançados como criminosos no seio d'um vulcão apagado, do qual só conseguem escapar-se graças a uma erupção, acompanhada da protecção da princeza.

Ora estas charges offenbachianas não se contam, veem-se. Ninguém pôde contar o que é Ribeiro, o rei Zig-zag, na *Viagem á lua*, nem Leoní, o sabio-mór do referido rei. Simplesmente impagáveis! E podemos desafiar toda a Europa e todos os phantasistas do mundo a que nos apresentem dois actores que excedam estes na graça, na felicidade do improvisado, no sal comico, no *truc*; em saberem, finalmente, representar a primor, com a physionomia, com os gestos; desde os bicos dos pés até á ponta dos cabellos, com o olhar e com os proprios carapuços! N'esta parte o theatro portuguez tocou o seu auge, em compensação do atrazo ou da decadencia que em outros pontos manifesta.

Na *Viagem á lua*, em papeis n'um plano inferior, Josepha de Oliveira, uma estrella recentemente adquirida pela Trindade, canta com bonita voz e representa com graciosa figura, não esquecendo Queiroz e Augusto, outros dois mephytophelicos sujeitos, que tantas

vezes nos tem já feito soltar aquellas grandes e saltares gargalhadas, que são no fim de contas o melhor raio de luz que pôde entrar nas tristezas da vida pela janella que dá para o mundo da alegria!

A nossa gravura da quinta pagina representa varias scenas d'aquella paiz imaginoso e phantastico aonde tres habitantes da terra vão correr aventuras. N'estes casos o que dá o successo é a excentricidade. Na *Viagem á lua* ha muito d'isso, e sobretudo muita invenção e muita gargalhada, acompanhadas, caso vulgar, d'alguns trechos de musica bonita, e, caso raro, de algumas coristas que não deixam de o ser.

Supponha-se, sobretudo isto ainda, muitos fatos elegantes e muitas vistas phantasiosas, e teremos uma longinqua idéa do espectáculo.

Do baleão, em todo o caso, é que elle se vê bem.

A PRINCEZA

D. MARIA FRANCISCA BENEDICTA

FILHA DE D. JOSÉ I

(Continuação)

Entre os diversos objectos de arte, que se encontram na caridosa instituição de Maria Benedicta, merece especial menção a bella e graciosa custodia, cujo desenho foi obra da piedosa princeza.

É um primor artistico tal custodia. É bella a composição e excelente a execução. A religião e a arte harmonicamente se enlaçam n'esta graciosa e rica alfaiá. N'ella se veem representados o pão, a agua, e o vinho; as tres especies que entram na composição da hostia e conteúdo do calix. O pão é figurado nas espigas de trigo de ouro, com grãos de bellos topasios. O vinho está symbolisado por cachos de uvas, cujos bagos são magnificas amethystas. A agua está representada por uma grande e limpida agua marinha. Está pois no desenho de D. Maria Benedicta commemorado o mystico pensamento da transubstanciação. A figura junta, que representa esta rica custodia, é cópia de uma bella aguarella de Vermell.

Não correu placida a construcção do grande edificio. Nos primeiros annos seguiram os trabalhos com rapidez e economia; mas tendo fallecido a pessoa encarregada da administração das obras, foram estas dadas de empreitada: as despezas foram então excessivas, e não faltaram esbanjamentos e dilapidações nos dinheiros da princeza.

Um grave acontecimento veio consideravelmente prejudicar o andamento das obras de Runa. Corria o anno 1807. Os francezes, commandados por Junot, tinham invadido Portugal. Napoleão, no tratado de Fontainebleau, havia estipulado que a casa de Bragança tinha cessado de reinar em Portugal. Um indescriptivel panico se apodera então do governo d'este paiz. E' resolvida a fuga do rei e de toda a familia real para o Brazil. No dia 27 de novembro se realisa o embarque nas praias de Belem, no meio da maior consternação do povo.

Era na realidade um quadro bem triste e vergonhoso o que se presenciava em Lisboa. O chefe do estado com toda a sua familia e muitos fidalgos abandonavam, á invasão estrangeira, Portugal desarmado, sem dinheiro e sem força! dando um terrivel exemplo de cobardia e egoismo, contra o qual felizmente o paiz mais tarde reagiu com o maior patriotismo e abnegação.

Foi na nau *Principe do Brazil* que a princeza embarcou, com a infanta D. Marianna sua irmã. A esquadra, por causa do vento que soprava do sudoeste, não pôde sair a barra no dia 27, nem no dia seguinte. Só no dia 29 de novembro de 1807 é que, tendo o vento rondado para o noroeste, pôde fazer-se de vela e seguir para terras de Santa Cruz. No dia 30 entraram os francezes em Lisboa.

A nau *Principe do Brazil*, conduzindo a seu bordo a princeza viuva, fez rumo para o Rio de Janeiro, aonde chegou a 17 de janeiro de 1808. Maria Benedicta, porém, não queria desembarcar sem chegar o principe regente D. João, pelo que se demorou a bordo quasi um mez. A nau *Principe Real*, conduzindo o principe regente, tinha tomado o rumo da Bahia, aonde chegou a 22 de janeiro. Só depois de receber a noticia de ter o principe D. João desembarcado na Bahia, e juntamente a insinuação de ir para terra, é que a princeza largou a nau em que se transportara, e foi residir nos paços do Rio de Janeiro.

Perto de quatorze annos esteve a familia real no Brazil, com grande prejuizo para Portugal. Durante este tempo os rendimentos de Maria Benedicta, como os de toda a familia real, n'estes reinos, diminuiram consideravelmente, já por causa das guerras com os francezes que assolaram este paiz de 1807 a 1814, já pela má administração de bens pertencentes a pessoas residentes a tão grande distancia e ausentes tantos annos. Além d'isso os desperdícios e gastos excessivos nas obras do asylo de Runa, obrigaram a princeza a fazer parar os trabalhos até satisfazer todas as dividas que, segundo as contas que lhe apresentaram, pesavam sobre ella.

Apesar dos desejos que tinham os portuguezes de tornarem a vêr os seus reis em Portugal, D. João VI continuava a conservar-se no Rio de Janeiro, addiando sempre a sua partida. Em vista, porém, da chegada da noticia da revolução que se havia iniciado no Porto a 24 de agosto de 1820, o monarcha resolveu effectuar o seu regresso, partindo no dia 26 de abril de 1821 para Lisboa. A princeza embarcou na fragata *Carolina*, e toda a esquadra, conduzindo a seu bordo os desejados monarchas e sua familia, entrou a barra, no meio de salvas e festas, no dia 3 de julho do mesmo anno.

F. BENEVIDES.

(Cont.nár.)

o appetite das palavras ao das cerejas maduras, n'uma serie de perguntas e de observações, Fernanda interrogou-o acerca da sua procedencia. Como é que sendo hespanhol, d'um paiz com muitos mais recursos do que o nosso, para os que se querem dedicar a uma profissão qualquer, elle se resolvêra a viver em Portugal, longe dos seus parentes, dos seus amigos, longe da terra a que de certo o ligavam muitas recordações.

Em todos os espiritos ha uma parcella romanescas, mais ou menos accentuada, segundo o temperamento, a educação e o meio.

O sevilhano sentiu-se lisongeados pelo interesse que lhe mostrava uma senhora tão superiormente collocada, tão distincta, tão formosa.

A presença d'uma mulher acordáralhe no coração umas recordações affectuosas, de antigas aventuras, de baldados sonhos, de aspirações irrealizadas.

Nas suas respostas vagas, dubias, cheias d'um certo mysterio, deixou adivinhar a existencia d'um romance na sua vida, contrariada e perseguida por uma sorte contradictoria.

Aquillo picou a curiosidade de Fernanda; o seu desejo era induzil-o a contar-lhe a sua aventura, a sua historia triste. Teve um grande desejo de saber...

Entendeu porém que devia guardar as conveniencias, e resignar-se á ignorancia que tanto a incommodava.

Mas o mar é solitario; poucas distrações; nada que dê ao espirito a variedade de sensações que impedem a concentração d'uma idéa.

A phantasia pelo seu lado, quando se acha só, cria sobre cada ponta de alfinete um mundo de idealidades indefiníveis, exóticas, incoherentes. Cada ponto é um infinito.

Dava-se com Fernanda o que se dá ordinariamente no nosso espirito quando temos lido n'um livro interessante apenas as suas primeiras paginas, e que, pelo termos folheado, quasi que adivinhámos o seu desenlace, ou o phantasiámos de mil maneiras. D'ahi a aciedade de lermos o livro todo.

Accrescentaremos porém que em Fernanda aggravava este estado a instinctiva sympathia que lhe inspirava o heroe do ignorado romance.

Isto aproximou-os muito; era visivel a attracção que levava Fernanda para aquella existencia que ella reputava condemnada, repellida da felicidade por uma estranha crueldade. E não havia n'aquelle homem um movimento, uma posição, um olhar, que não desse á sua phantasia feminina elementos para extraordinarios calculos.

Uma repentina doença de Gabriel obrigou-o a voltar para Portugal. Voltava por conseguinte acabrunhado, encerrado no seu beliche, tendo á cabeceira Fernanda, solícita e cuidadosa.

Mas o compartimento era pequeno; e o seu estado de saude melindroso; quanto a Fernanda, sempre que viajava no mar, fazia com que ella encontrasse motivos para não levar a sua dedicação até privar-se das distrações necessarias e uteis.

Passava por conseguinte largos intervallos longe de Gabriel, e de noite, depois d'uma certa hora, despedia-se d'elle até o dia seguinte.

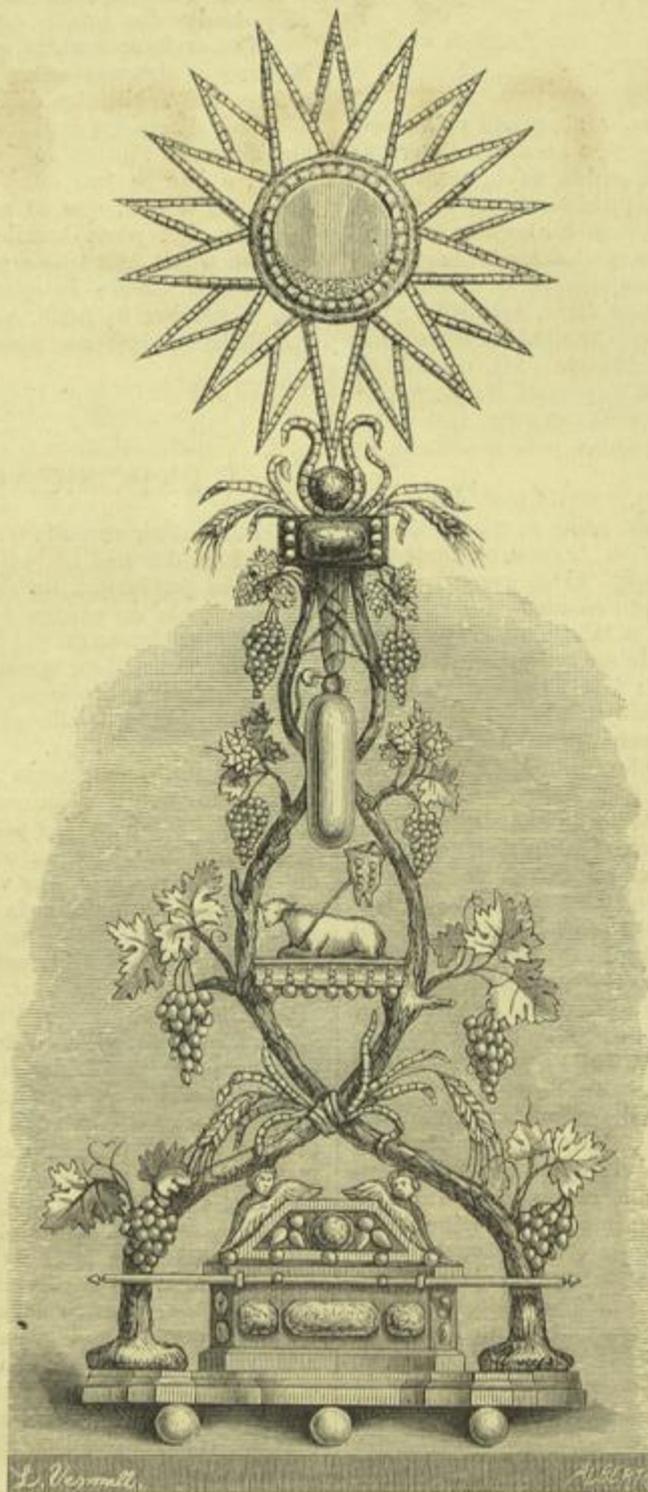
A doença de Gabriel não exigia grandes cuidados, era um estado accentuado, estabelecido, apesar de grave.

Ultimamente porém Gabriel andava visivelmente triste; notava em Fernanda a falta de fosse o que fosse que d'antes fazia a sua felicidade, e afastava todas as nuvens do seu coração, aberto áquelle unico affecto da sua vida.

E no entanto nada encontrava em que a podesse accusar, mesmo com relação á maneira como por ella era tratado. A mesma solícitude, as mesmas demonstrações affectuosas, na apparencia; no fundo d'aquelle sentimento é que desapparecera alguma coisa de essencial para a sua ventura.

Uma noite, n'uma hora já avançada, Gabriel sentiu na sala contigua aos seus aposentos como que um siciar de vozes, fallando em confidencia, n'um tom mysterioso.

Tudo estava tranquillo; mas por muito tempo não pôde distinguir



CUSTODIA DO REAL ASYLO DOS INVALIDOS EM RUNA

(Segundo um desenho do sr. D. Luiz Vermell)

V. art. — A princeza D. Maria Francisca Benedicta

mais de que umas palavras soltas, e sem nexo.

A pouco e pouco foi distinguindo melhor, mesmo as vozes partiam já de mais perto. Fallavam de Fernanda, e elle sentiu cair-lhe no coração, como picadas de abutres, as seguintes palavras:

— É uma vergonha, e um descaramento sem igual. E elle que tanto acredita no amor d'ella, nem suspeita que se abuse da sua doença para o deshonrar d'aquella maneira.

— E a coisa já vem de longe.

— Mas nunca chegara a este ponto! É demais; e elle não o merece, coitado!

Gabriel para receber melhor aquellas punhaladas, para ouvir mais distinctamente aquelle colloquio mysterioso, quiz mover-se na cama; mas o pequeno ruído que este movimento produziu, bastou para afugentar subitamente, nos bicos dos pés, os noctivagos e inconscientes delactores.

Gabriel tinha o coração opprimido, a garganta secca; tremia n'uma convulsão nervosa. Sentindo uma estranha força a reanimal-o, n'uma indecisão confusa, turbada, vestiu-se com o que encontrou mais á mão e saiu apressadamente, a cambalear, atravessou a sala, sem ruído, sempre vacillante e trémulo; foi aos compartimentos de Fernanda, e como não a visse, saiu precipitadamente.

Lá fóra a noite estava sombria, as estrellas pareciam morticas luzes fixas n'uma aboboda escura. Do lado do poente as nuvens atravessavam como flocos de algodão espesso, e grisalho, rolavam d'um lado a outro, ora encobrindo, ora desvelando o crescente da lua, que era como a folha d'uma estreita foice de estanho, onde a luz incide. O mar era tranquillo; a quilha do barco, singrando, produzia um ruído surdo, unisono, triste.

Gabriel olhou em volta de si: tudo estava silencioso.

Comtudo, um tenue sussurro de vozes partiu d'um sitio superior.

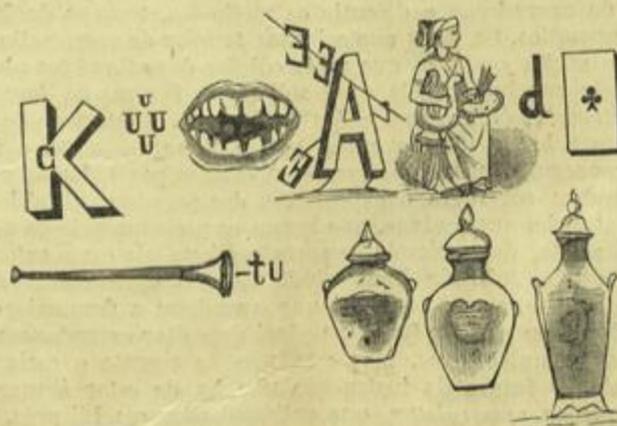
Gabriel começara a sentir as consequencias da sua imprudencia; as forças iam-n'o abandonando, um suor frio inundava-o. Lançou a mão á escada que conduzia á coberta, subiu uns degrãos, e n'esse mesmo instante, n'aquelle religioso silencio, sentiu o ruído d'um beijo, e a voz de Fernanda murmurar baixinho, n'um tom suave, docemente caricioso: — «Eu nunca tinha amado!»

Tentou subir ainda, mas as mãos desprenderam-se-lhe, e o corpo desfallecido, inerte, baqueiou com um ruído pesado.

Fernanda e o sevilhano, quando acudiram, encontraram um cadaver.

CHRISTOVAM AYRES.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Em pé se levantou, e as nuas azas tres vezes sacudindo

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMENT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6